

Edição nº 09 | Fevereiro de 2014

REVISTA

POCABIRU

Uma revista colaborativa  
sobre cultura latino-americana

# EXPEDIENTE



EQUIPE:  
COORDENADOR DO PROJETO: RENAN XAVIER  
ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA: DÉBORA COTA  
IDEALIZADORA E EDITORA: MICHELE DACAS  
BOLSISTAS: RAFAEL MAIER E VICENTE GIARDINA  
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: CHRISTIANO TAKATSCH  
REVISÃO: PATRÍCIA LIBRENZ

COLABORADORES:  
EUGÊNIO PASSOS  
FRANCISCO ISFRAN  
GUILHERME CARDIM  
MARUAN SIPERT  
PATRÍCIA LIBRENZ

# Editorial >>

Pode ser ao som de tambores ou de grilos, mas é chegado o momento de retirar as máscaras, deixar o casulo. Então, da nudez e da proteção desfeita, refazer-se, reformular-se, remodelar-se! Pode ser a partir das raízes mais tradicionais, do barro contemporâneo ou dos sonhos do futuro. Vem cá... Deixa a **Peabiru** te levar mundo afora e América Latina adentro.

Nesta edição, queremos que você se perca por aí... seja na multidão surreal da boliviana Oruro, em meio aos suspeitos *alebrijes* ou pela cidade, em busca de cenários dessa fronteira trinacional. A **Peabiru** quer que você enfie o pé nos território de barro do Arroio Morenitas! Quer que você conheça Foz pelos olhos de uma mulher, descubra o teatro pelos olhos de um diretor e o cinema pelos olhos de um ator. E depois... quer que você quebre seus estigmas e preconceitos, liberando-se a conhecer o outro. Aí, mais leve, aprenderá a bater as asas! Ao fim, um *Eu* novo!

**Aceite a metamorfose! Desprenda-se! Voel!**

# Índice >>>

6

A MITOLÓGICA LUTA INCA DO BEM E DO MAL ECOA, AINDA, NAS RUAS ORURO EM PLENO CARNAVAL

10

TERRITORIALIDADES DO BARRO - AS MARCAS DO VIVIDO NO ARROIO MORENITAS

12

HOY HE VISTO A MIGUEL O EL ANGEL DE LA ANTIGUA LEY

14

BORBOLETA

16

TRÍPLICE FRONTEIRA E O ESTIGMA OCULTO NO TERMO

18

*ALEBRIJES* - LOS BICHINHOS DE OTRAS HORAS

24

SOBRE O DIVERTIMENTO E SUAS OVELHAS NEGRAS

26

IMAGEM DA FRONTEIRA

28

PEÇA EU

31

EM FOZ, EU APRENDI



VOG!

# A mitológica luta inca do bem e do mal **ecoa, ainda, nas ruas de Oruro em pleno carnaval**

Por Rafael Maier

Resultado de tradições miscigenadas entre povos latino-americanos e europeus, o Carnaval de Oruro é considerado pela UNESCO como um "Patrimônio Intangível ou Imaterial da Humanidade", sendo reconhecido como o maior evento cultural da Bolívia e um dos dez mais importantes carnavais do mundo.

Comemorado "religiosamente" 40 dias antes da Páscoa na cidade de Oruro, capital folclórica da Bolívia desde 1970, a festa integra cultos nativos andinos ao culto cristão que estabelece o início da quaresma, numa grande e bela cerimônia que encena a luta do bem contra o mal durante seis dias pelas ruas da cidade. Embora o Carnaval de Oruro como é realizado hoje seja relativamente recente, é resultado de um processo histórico que retoma a mitologia inca/andina, o período da pré-conquista, a incorporação de elementos culturais diversos e até adaptações socioculturais da história deste país.

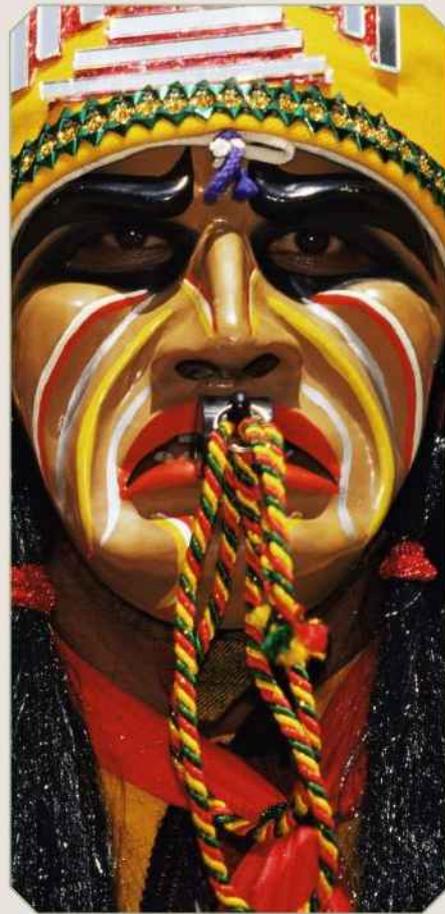
A festividade tem suas origens no povoado de Uru, atualmente Oruro, e nas invocações à Mãe Terra Pachamama e ao Diabo Tío Supay. Com a chegada dos conquistadores espanhóis, a celebração foi proibida e a religião cristã foi imposta aos nativos. Aproveitam a festa da "carnis valles" (prazeres da carne) para cultuar a festa tradicional, em um processo de sincretismo e de resistência, que resguarda a identidade e a cultura original.





Atualmente, pode-se perceber diversas manifestações culturais dentro do Carnaval de Oruro. Nos tons da festa, há a luta do bem contra o mal a partir de representações religiosas; a forte presença indígena e de mitos originais; a multiculturalidade do povo boliviano; a miscigenação e mescla do povo afro-descendente; os ritos de celebração aos animais, às colheita e às divindades... Tudo isso em mais de 50 fraternidades distribuídas em 18 especialidades de danças que chegam de todas as partes da Bolívia – da zona andina-altiplánica (de La Paz, Oruro e Potosí), da zona dos Valles (de Cochabamba e Tarija) e das planícies e selvas (de Santa Cruz, Beni e Pando). Juntos em Oruro, todos percorrem aproximadamente quatro quilômetros até o ponto final de culto à Virgem del Socavón.

No fim da festa, meio pagã, meio inca, meio cristã, a certeza da mistura e da resistência.



*Créditos fotos: Wikipedia; Rough Guides e The Prisma (capa)*

# LEYENDAS



Pelo menos três lendas narram a aparição da Virgem de Candelária (Virgem Maria) para o povo de Uru. Em uma delas, percebe-se claramente o processo de sincretismo, quando o culto à princesa inca Ñusta, que derrotou Wari, o deus do Mal, é "substituído" pelo culto à Virgem de Socavón, ou Virgem de Candelária. Assim, Ñusta ganha as vestes cristãs aceitas/impostas e a Virgem Maria ganha fiéis e respeito.

Segundo a mitologia andina, o povo de Uru estava sendo castigado pelo deus do mal Wari, que lhes enviava monstruosidades para exterminar a população da região e para que se arrependessem de seus pecados. Atendendo às preces do povo contra os ataques, surge a bela princesa inca Ñusta, derrotando Wari e o enviando para as profundezas da terra, onde passou a resguardar as riquezas naturais da região. A crença na presença de Wari nos interiores da terra, em meio aos túneis de escavação mineira, foi absorvida pelos mineradores locais, que com o passar do tempo passaram a chamá-lo de "tio" – daí a denominação Tio Supay.



Em outra lenda, conta-se que em um túnel abandonado na mina Pie de Gallo vivia um ladrão chamado Anselmo Selarmino, que repartia com os pobres os pertences roubados. Durante um roubo noturno, foi surpreendido por um obreiro e mortalmente ferido. Em sua agonia, foi transferido por uma mulher até a sua morada no túnel. Quando os outros mineiros encontraram o corpo de Anselmo, no local estava a imagem da Virgem de Candelária sobre a cabeceira da modesta cama.

Em outra versão similar, Anselmo era conhecido pelas pessoas que ajudava como El Nina Nina, o ladrão perspicaz e incapturável. Ao tentar saquear uma casa de pessoas humildes, El Nina Nina foi abatido pelos moradores, perdendo a graça e a proteção da Virgem a qual era devoto. Como na versão anterior, foi encontrado morto próximo aos túneis junto à imagem da santa.



Fruta Argentina

# Territorialidades do Barro:

## AS MARCAS DO VIVIDO NO ARROIO MORENITAS

Por Michele Dacas

Quando iniciamos a nossa conversa sobre o Arroio Morenitas com o "Chico do apito", como é chamado Francisco Insfran, morador e artesão do bairro Porto Meira, não imaginávamos que iríamos, literalmente, entrar em contato e percorrer um território conhecido e demarcado pela apropriação dos usos, das artimanhas das mãos, dos benefícios da cura e também do descaso.

O nosso guia conhece a região desde os 16 anos de idade e passou a percorrer as redondezas do arroio pelo fato de o local ser fonte de matéria-prima para o seu trabalho como artesão. Francisco começou sua empreitada no artesanato com os ensinamentos do ofício por uma família de artesãos da comunidade do Porto Meira, que, além da habilidade com as mãos, ensinou-lhe a buscar, nesse mesmo, território a fonte material para as suas peças.

Ele nos conta que no Arroio Morenitas existe um manancial de argila que serve como base para a arte em cerâmica, mas que também possui uso medicinal. Relata-nos, ainda, que algumas pessoas vão tomar banho de argila no local, em busca dos benefícios medicinais para problemas de pele. Com essas informações, começamos a percorrer um território que, para nós, é como uma descoberta, mas que é intimamente reconhecido na marcação dos passos, das histórias e dos usos daquele morador que nos guia.

E é sob essa perspectiva que apresentamos o Arroio Morenitas: pela ótica da territorialidade do barro, sob a geografia de quem o habita e não da geografia que o delimita. Nos justificamos com base na própria concepção de território, proposta por Rogério Haesbaert\*, que para além do conceito político-jurídico da terra e da dominação que prediz quem nela vive ou quem dela está fora, aborda território a partir da apropriação. Um território concebido muito mais como "um processo simbólico, carregado das marcas do vivido".

É esse o rastro que seguimos neste breve relato. Percorremos o Arroio Morenitas com o apego e o manuseio do barro pelas mãos do Francisco, que nos dizia: "a argila branca é a que cura, esta amarela é utilizada para fazer tinta, a laranja é matéria para o artesanato e a cinza é utilitária, serve para fazer panelas. A gente bate o olho e sabe". As histórias pelo caminho do manancial também são parte do reconhecimento do território. Dizem os moradores mais antigos que os Índios tomavam banho de barro no local. O descaso é a outra parte dessa construção territorial: começamos nosso percurso no arroio, ainda limpo, mas, ao continuarmos seu curso, terminamos no "Rio Bostinha", como é conhecido o ponto onde desemboca o Arroio Morenitas, por estar ao lado de uma favela. O rio muda o seu nome e o barro deixa de ser fonte. Mesmo sendo parte das margens que negam a si próprio, ainda está ali a percorrer a água e a argila, pelas marcas do vivido e do território invisível para muitos de nós.

\*HAESBAERT, R. (2004). Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade. Consultado em: [http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE\\_Rogério\\_HAESBAERT.pdf](http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf)

## HOY HE VISTO A MIGUEL O EL ÁNGEL DE LA ANTIGUA LEY

Eugênio Passos,

BAJO LA INSPIRACIÓN DE MIGUEL ÁNGEL FERNÁNDEZ, POETA PARAGUAYO QUE, COMO HOMBRE, FUE CURTIDO EN LOS DOLORES DEL MUNDO.

DEDICADO A LA PROFESORA ÁNGELA ERAZO: *como si fuera otra Tetis, dije Habla! a un nuevo gigante Adamastor (lusohablante) y él habló...*

"...VOY A REVELARTE LO QUE ESTÁ CONSIGNADO EN EL LIBRO DE LA VERDAD. NADIE ME PRESTA AYUDA PARA ESTO, EXCEPTO MIGUEL, VUESTRO PRÍNCIPE..." (DN 10, 21.)

SOUNDTRACK ORIGINAL: CANDY SAYS, DEL VELVET UNDERGROUND. [ÁLBUM VELVET UNDERGROUND (1969), LADO A, FAJA 1.]

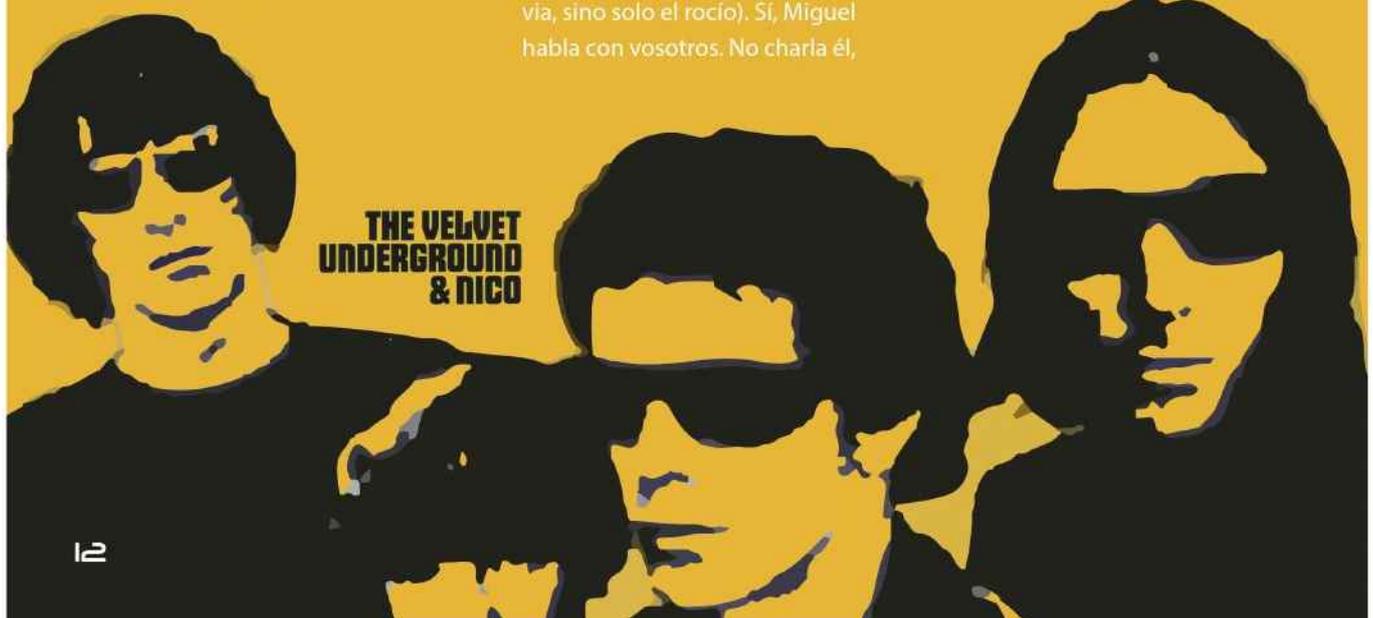
Hoy he visto a Miguel, el ángel; pero ángel de la antigua ley. Y de que Hablan esos antiguos genios, esos lejanos demonios, mensajeros entre los Hombres y su dios? Bien, mira a Miguel: es pequeño como un grand monte Viejo, porque ya gasto por el Tiempo. Sí, mira a Miguel: de que hablará Semejante Hermes, otro prodigio de un híbrido de Quasimodo y Hércules. Sin embargo los desgastes del Tiempo,

eso viento ciego a las súplicas de los Hombres? No hablará Miguel (trágico ángel!), sino de guerra, dolor, muerte.

Mira a esto como que Areópago: ves a Diana (que es la misma Minerva)? Reina de los Cielos, como María, ella media el encuentro entre el ángel y los Hombres. Ella, cual a una pitonisa, invoca a Miguel, y él asoma con la Dignidad de Samuel. Entonces Diana sale de la escena tal cual la bruja de Endor, y Miguel habla a los circunstantes. Él viene de los tiempos de la Tiranía, por eso habla de déspotas y oprimidos. Tanta es el dolor en sus Palabras, que el ángel lagrimea (como es duro, Miguel no conoce el llanto Así como un beduino no sabría que es la lluvia, sino solo el rocío). Sí, Miguel habla con vosotros. No charla él,

pero monologa: sermón es lo que Dice el ángel a vosotros. De la antigua ley, él es un ángel de rayos y truenos.

Estáis todos en la Feria del Libro, he aquí la razón de esa tienda bajo la cual Fuisteis congregados como en un aprisco. Claro, Miguel es un poeta y para Hablar de su poesía es que fue llamado por la Diosa de la Lechuza. Pero el Ángel habla no de las musas, sino de las furias, para referirse a la poesía. Claro, Miguel es un superviviente de los Anos Oscuros, un ángel de las Tinieblas. No esperéis, por lo tanto, oír palabras dulces a él, pues "la poesía (Oráculo de Yahveh) es acción", dice el ángel. He aquí los decires del ángel.



**Y dice Miguel del Amor:**

*"Cuántas veces creí  
encontrarte, y no eras  
tu, era solo tu sombra..."*

**Y dice Miguel del Sueño:**

*"Pequeñito y muerto y  
solo te me fuiste por  
tu llamada tarde..."*

**Y dice Miguel del Hombre:**

*"Sobre un abismo oscuro  
todavía dos ojos se repiten  
una pregunta vana."*

**Y dice Miguel del Dios:**

*"Dios de todo, Todo.  
Mas solo un bostezo..."*

**No extrañéis que el ángel diga palabras tan  
aerbas y sea tan taolturno: De sí mismo,  
Ángel a vosotros no dice, sino (a propósito  
de su nombre) que:**

*"Sabéis que soy Miguel,  
Miguel el ángel,  
el de ala de sombra..."*

**No extrañéis que el ángel tenga conceptos  
tan arudos sobre la propia Poesía (tam-  
bién sobre el Poeta), de suerte que Ángel  
diga a vosotros de ella:**

*"... el párpado muerto  
el gran asco el vómito  
que me inunda..."*

**(Y de él, Poeta:**

*"El hombre solo se arrastra  
por lo oscuro. No hay  
lámparas..."*)

y por qué oiríais las palabras  
de semejante Ángel? Ya no son  
demasiado Antiguas sus pro-  
fecías? Ya no vivís en tiempos  
menos oscuros y tiránicos? Oíd  
a Miguel Ángel, no os iludáis:  
siempre se puede oprimir y ser  
oprimido.

Por consiguiente, aprended de  
Miguel Ángel que los ángeles  
del pasado, los Antiguos mi-  
guelos (oh arcángeles!) todavía  
traen anunciaciones útiles a los  
Hombres. Fue con las palabras,  
aunque no sean de paz, del pri-  
mer Pacto que "... levantaste,  
constructor, sueños, almenas  
sobre nubes altas..."

**Fin.**

## ENTREVISTA | Por Vicente Gardina

### *La metamorfosis de Maruan Sipert en la producción independiente del cortometraje "BORBOLETA"*



Iniiciando este año, estudiantes de cine, profesionales, gestores culturales y artistas independientes se reunieron en Posadas (Misiones – Argentina) para filmar, con una estética Vintage, elegante y cuidada, sobre la virtud de poder amar al humano como humano y no como hombre o mujer. Escrito y dirigido por el realizador misionero Luca Da Cruz, las melodramáticas escenas prometen hacer una metáfora de la metamorfosis de las mariposas, con el proceso que hacemos para entender el cuerpo y sus deseos. En entrevista con uno de sus protagonistas, **Peabiru** relata la experiencia del artista Maruan Sipert. También académico de UNILA, Gian, dueño de un amor libre, es el bohemio y muy sensible personaje caracterizado por Maruán. Este artista viajó, desde Foz de Iguazú, hasta la ciudad misionera de Posadas para encarar el encuentro que Gian y Camile tendrán para entender el amor entre humanos y los procesos que lleva entender el cuerpo y sus deseos.

#### **Revista Peabiru**

Qual es la proximidad entre el personaje Gian, y tu persona, como artista, como ser humano sensible también al cambio metamórfico?

#### **Revista Peabiru**

Cuales pudieron haber sido las dificultades de enfrentar este personaje? Como fue la dirección actoral?

#### **Revista Peabiru**

Como fue la relación con el director Luca y con el resto del equipo, siendo en su mayoría argentinos?

#### **Revista Peabiru**

De tu visión personal, como visualizas BORBOLETA al ser finalizado?

#### **Revista Peabiru**

Y de tu futuro como artista? Como te proyectas y como influye este trabajo?

### Maruan

*Yo me transformé. Así como Gian pasa por un proceso de transformación, yo asumí esa postura, y no sólo yo, todo el equipo de fato atravesó por una transformación personal. Desde que recibí el guión me sentí muy identificado con Gian. Él siente las construcciones sociales muy fuertes, pero por la proximidad al arte y a la expresión, él consigue soportar esta sensibilidad. Yo me uní mucho a Gian, creo que vamos a compartir algún tiempo más. Conseguí usar de dentro de mí, cosas que tenía guardada hace mucho tiempo.*

### Maruan

*Durante las actuaciones no vimos mucho las cámaras, para no estar preocupados con la fotografía y más con la actuación. La dirección de actores no fue de la forma tradicional, por el contrario, en cada escena nos preguntaban "como tu cuerpo asume esta emoción, lo que la historia quiere contar?"*

### Maruan

*No fue muy distinto, claro que las marcaciones culturales existen. En algunos momentos el tema de la lengua se notaba bastante. Mismo que yo hablo español, en algunos momentos de pensar rápido respondía en portugués y algunos no entendían y nos reíamos todos. Son gente muy linda y sensible, ya los extraño. Es un grupo de personas profesionales que trabajan juntos para hablar del arte desde la acción. Por parte de Luca, conseguimos colocar una linda amistad, la cual hasta hoy sigue muy íntima, hablamos casi todos los días.*

### Maruan

*Para mí el corto quiere mostrar el proceso de transformaciones, a través de un recorte que vemos como personas. Demostrar que las cosas van más allá de los rótulos. El hecho de llamarse "Borboleta" (mariposa, en portugués e italiano) remete a la metamorfosis, conceptualmente. Hay un artista visual plástico de Misiones que trabaja bastante con este tema y el montaje va a tener bastante de este trabajo. Después de algunas, escenas yo me sentí en éxtasis al terminar. Hubo una escena de Gian, escribiendo a otra personaje (Camile), muy importante para mí. Esta escena duro 2 horas y media con la cámara grabando y el equipo en frente de mí. Cuando terminamos de filmar todo el equipo estaba emocionado, nos abrazamos todos, toda esa energía con certeza va a estar impregnada en el trabajo finalizado.*

### Maruan

*Conocer el arte y emplearla requiere acción. Conocí contactos interesantes. Creo que la práctica es el hacer, de hecho el arte es práctica, hablar de la actuación no es arte, para mí, mas actuar es arte. Es una experiencia sensorial sobre el cuerpo. Conocer el artista, es mi herramienta, y voy a estar en permanente conocimiento de mi cuerpo.*



### SINOPSIS DEL CORTOMETRAGE

*(Enviado por el equipo de producción.)*

Un recorrido por un momento de la vida de dos personajes que creyeron estar haciendo lo correcto hasta que vieron que otra vida era posible. Que las cosas como el amor y la felicidad trascienden tanto el cuerpo, como las ideas y son parte de algo superior que escapa a lo material.

Camile vivió toda su vida creyendo que hacía lo correcto hasta que conoce a Gian y su mundo cambia por completo. No le importan las diferencias y se enamora de una forma de vida. Aprende a expresarse y se permite sentir.

Gian, dueño de un amor libre, encuentra en Camile una persona con quien completar la metamorfosis de sus sentimientos y crear una vez más en un amor trascendental que escapa al cuerpo.



# TRÍPLICE FRONTEIRA E O ESTIGMA OCULTO NO TERMO

Texto: *Natali Laise Zamboni Hoff*

Ilustração: *Rafael Maier*

Muitas são as denominações que podem ser dadas à região trinacional, marcada pelas fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai. Contudo, nos últimos anos, a expressão que tem dominado o imaginário popular é a da Tríplice Fronteira. Jornais, revistas, blogs e até mesmo trabalhos acadêmicos, ao referirem-se às cidades gêmeas de Foz do Iguaçu, Puerto de Iguazu e Ciudad del Este, usam essa denominação. O que muita gente não sabe, é que a expressão Tríplice Fronteira possui uma significação negativa, porque passou a ser utilizada para denominar a região após os atentados terroristas de 1992 e 1994, na embaixada de Israel na Argentina e na Associação Mutual Israelita Argentina, respectivamente.

Um espaço que era, antes, visto como desvinculado, abrigando três cidades independentes, passou a ser visualizado de modo convergente, em prol do terror. O mesmo espaço, no qual é admitido um ambiente marcado pelo comércio ilegal, tráfico de drogas, contrabando, violência e, sobretudo, ausência do poder público, é incorporado nos processos de securitização da onda de atentados terroristas que aconteciam pelo mundo. Em um local, onde as leis e a justiça parecem não conseguir chegar, sob a ótica de poderes governamentais externos, os grupos terroristas vingariam facilmente. Essa situação só veio a piorar após os Atentados de 11 de Setembro, quando George W. Bush, através de suas suposições e obsessão pela execução de Osama Bin Laden, colocou a região e, com isso, a América Latina, na esfera de segurança dos Estados Unidos e na rota da Guerra ao Terror. Diziam que Bin Laden poderia estar escondido em Foz do Iguaçu. Mas passaram-se 10 anos até o fundamentalista islâmico ser supostamente localizado pelos militares norte-americanos no Paquistão, bem distante das três fronteiras.



Como podemos perceber na cidade, a região conta com uma grande comunidade árabe, sendo que em Foz do Iguaçu é encontrada a segunda maior colônia de árabes do Brasil. Esse foi o maior motivo para a vinculação da região ao terrorismo, primeiramente, com a acusação de participação direta e a desconfiança sobre o asilo concedido a Bin Laden. Posteriormente, admitindo-se a insensatez das acusações, amenizaram o pressuposto de região terrorista para, então, afirmar que a comunidade árabe na fronteira atuava indiretamente, financiando os grupos terroristas no Oriente Médio.



Retiradas as acusações, mas nem por isso diluído o estigma, o que sabemos é que nunca existiram provas conclusivas sobre a relação da região com o terrorismo, mas apenas a retórica maniqueísta proveniente das emoções do 11 de Setembro, legitimadas pela cobertura da mídia sensacionalista. Bem ou mal, a expressão Tríplex Fronteira foi incorporada por muitos naturalmente, e associada a Foz do Iguaçu, Ciudad Del Este e Puerto Iguazu. O importante, agora, é as cidades buscarem, de maneira conjunta, (des)securitizar a ideia e ressaltar os pontos positivos da região. Por outro lado, a desvinculação simbólica com a expressão ou o seu des(uso) é um processo lento, uma vez que se trata de ressignificar imposições políticas e ideológicas que tendem a estigmatizar realidades multiculturais existentes, como a região das três fronteiras.

# *Alebrijes*

*Los bichinhos de otras horas*



Texto e fotos de Renan Xavier



O mundo dos sonhos no México, por supuesto, carrega cores, vida e identidade próprias. Durante o sono, quem povoa as mentes no país da Frida Kahlo são os *alebrijes*, simpáticos bichinhos coloridos que ocupam espaço no imaginário popular, nas estantes infantis de adultos e crianças e nas feiras de artesanato. As espécies oníricas são tantas e tão diversas, que é impossível catalogá-las. Até porque, são o resultado de uma certa mistura que toma corpo na cabeça de cada um, especificamente. Há quem veja um cão com asas e bicos, ou um dragão que rasteja, ou um sapo-porco-espinho... O que marca todos eles, além da dezena de risquinhos e bolinhas e das caras de mau, é a certeza de que são bichos de outros mundos e de outras horas.



Coube ao artista Pedro Linares López, da Cidade do México, em 1936, retirá-los dos sonhos/delírios e moldá-los em arame, papel e água, soprando-lhes vida com pincéis e tons vibrantes. A técnica de cartoneria dos *alebrijes* foi adaptada daquelas usadas para a confecção das famosas *piñatas*, tão típicas do México - que dão dó do destino trágico que têm!





# Alebrijes

Los bichinhos de otras horas

Reza a lenda que o artista de *piñatas*, em determinado momento de seus 30 anos, adoeceu e perdeu a consciência, caindo em um profundo sono. Foi tratado pelas irmãs com remédios caseiros, mas sem sucesso. Só retornou no próprio velório, após vagar por um outro mundo, onde os animais misturam-se entre si e com as árvores e as pedras. Todos esses animais gritavam um único som - '*alebrijes*' - numa toada cada vez mais forte.

Eis que em algum momento neste outro mundo, em meio a tudo isso, Pedro deparou-se com um homem que lhe falou que ele não deveria estar ali, indicando-lhe a saída - uma janela bastante estreita. Ao passar, acordou!

Representou, então, o canal de passagem para todo o mundo desses bichinhos mexicanos. Nesta vida de povoar de *alebrijes* o planeta Terra, trabalhou, até que a "morte real" chegou, em 26 de janeiro de 1992, aos 86 anos. Diariamente, leves 16 horas por dia.

O caminho para quem não os conhece passa pelo Museu de Arte Popular, um dos mais interessantes da capital mexicana. A coleção de *alebrijes* é simplesmente incrível. Com a alma leve e disposição, será possível caminhar pelo bosque mágico onde esteve o artista Pedro Linares e ouvir, ao fundo, bem lá no fundo, que eles dizem, sem cessar, "*Alebrijes! Alebrijes! Alebrijes!*".



# SOBRE O DIVERTIMENTO e SUAS OVELHAS NEGRAS

Texto e ilustração de Rafael Maier

Eles são fruto da miséria humana, ou até mesmo seu espelho. Têm lugar de apreço assegurado nas cortes da idade média, e em todo o espectro racional que evocam. No entanto, conseguem desmontar tal razão e derrubar aos pés da corte o escárnio da pequenez humana e toda sua insanidade – e o que seria da razão sem a loucura?

Os “bufões”, por vezes, agrupavam-se em bandos – trata-se de uma figura peculiar e bastante interessante de personificação da feiura humana. Acredita-se que sua origem tenha sido no período clássico. O bufão sobreviveu à Inquisição e permaneceu pelos tempos modernos através de trabalhos com máscaras e com o teatro, chegando aos dias atuais.

Seu auge foi alcançado na Idade Média, immortalizado na figura conhecida por “bobo da corte”. Seus trabalhos eram requisitados desde as praças públicas, durante divertimentos, até a corte e espaços religiosos. Sempre ao lado de representantes do poder, o bufão era tolerado por ser considerado louco, ao mesmo tempo em que, fazendo uso de sua visão distinta de mundo e de sociedade, desconstruía discursos, revelando a podridão humana, subvertia ideias e provocava os instintos mais sórdidos de seus interlocutores.

Bem articulado, utilizando-se das mais diversas cantigas e paráfrases, sob uma face que exalta a feiura e o grotesco de um modo cômico, divertia e apresentava pensamentos sábios – por vezes, desconcertantes aos seus dirigentes... –, uma sabedoria que passava despercebida pelos detentores dos valores morais; uma dominação de jogos de palavras ambíguas que reviram a seriedade sólida de um jogo em questão. Talvez daí, inclusive, a introdução do coringa nos conhecidos jogos de baralho – típica “carta na manga”, na maior parte dos jogos.

Neste período de festividades de carnaval, o personagem do bufão encontrava-se a pleno vapor, serelepe, invertendo as ordens sociais e atijando o divertimento acima de qualquer discurso moral. A sua presença era indispensável! Suas exposições dionisíacas e subversivas entretinham e transformavam cada ocasião.

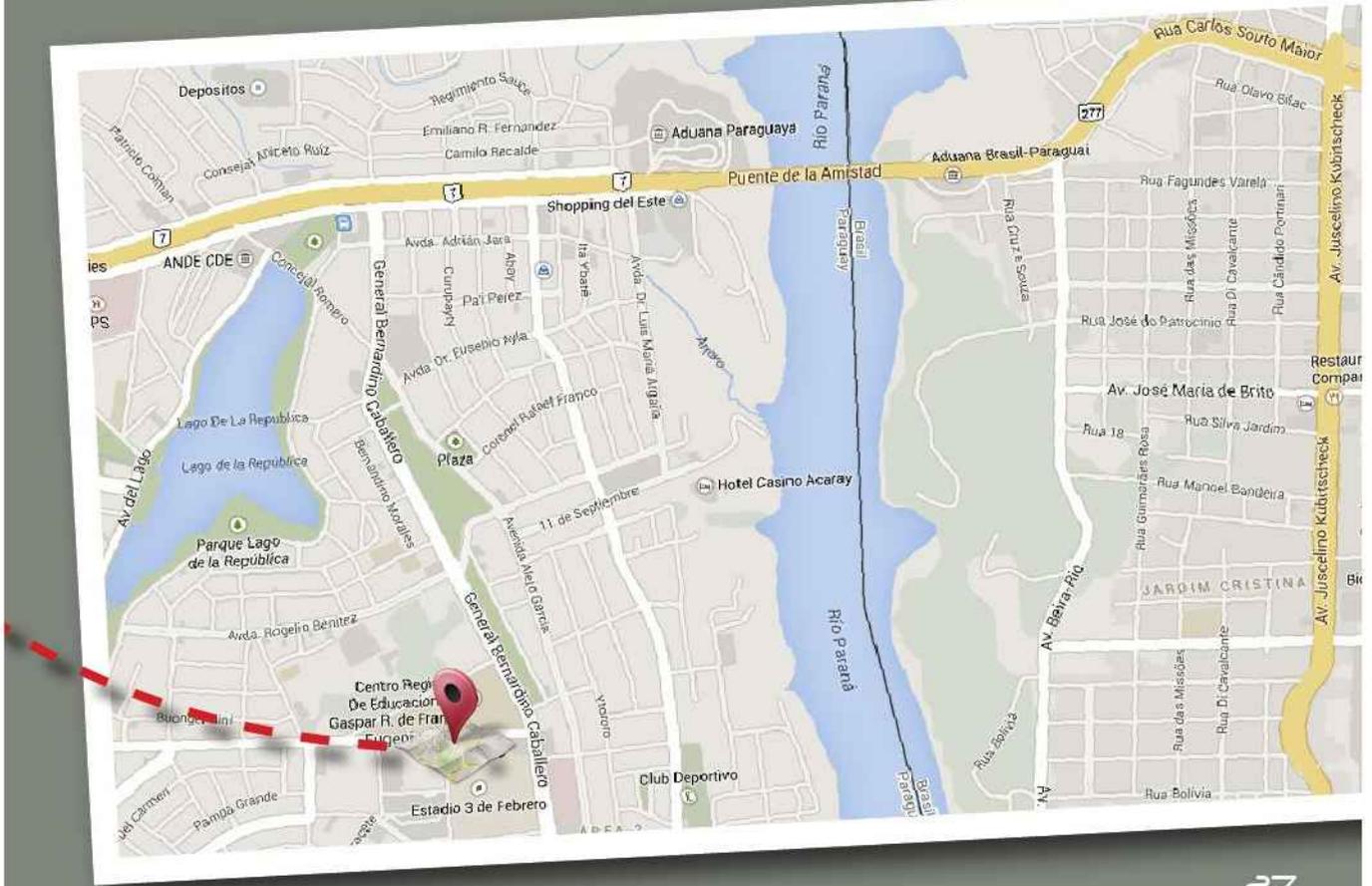
Ser bufão não é ser personagem, o bufão é a própria pessoa. Com sua língua afiada, transformou questões políticas e sociais em paródias cômicas, mas que provocam desconfortáveis reflexões e saias justas, além de constrangedoras denúncias a respeito da hipocrisia moral que cada um carrega dentro de si. Trata-se do humor sarcástico milenar incorporado em um ativismo singular, que remonta séculos de tradição.

## IMAGEM DA FRONTEIRA



Galera do ***Ação Poética 3 Fronteiras***  
em Ciudad del Este, Paraguai,  
no ano passado.

*O grafismo está no Centro Regional de Educação  
Dr. Gaspar R. de França, na rua Eugênio A. Garay.  
Quem for até lá, poderá respirar três belas frases!*



## Relato do sonho de uma ideia teatral

Por Guilherme Cardim e Nicole Dal Pozzo Zanola

(e pelos docentes Angela Erazo e Fernando Faria /

Fotos: Natacha Pastore)\*



### ATO I Cena I

*Conselho Comunitário da Vila C. Uma vez por semana. De setembro a janeiro. Um grupo de adolescentes reúne-se para conversar, sonhar, brincar e, o mais importante: Fazer teatro.*

Foi uma jornada. Inspiradora. Começamos em uma quinta-feira, nos apresentamos, dissemos de onde éramos e o que estávamos fazendo lá, levamos nossos trabalhos artísticos, livros, milhares de roteiros, holofotes, luzes, máscaras, câmeras e, o principal, os sonhos que tínhamos, pois fazer teatro dessa maneira é doar-se... e uma obra de arte só é possível quando os sentimentos são verdadeiros.

Por dois meses, em todo encontro, lemos textos de diversos dramaturgos importantes... Teve Samuel

Beckett, Harold Pinter, Quentin Tarantino, Dias Gomes, Ariano Suassuna, Sarah Kane, Roberto Alvim, Tennessee Williams. Levamos também trabalho de casa, textos de Natacha Pastore e Luiz Henrique Dias, dramaturgos iguaçunes. E devo dizer, foi lindo ver o quanto esse exercício tomou certas proporções com seis alunos que, simplesmente, devoraram roteiros. Magicamente surpreendente.

Em todas as aulas, quatro exercícios: aquecimentos, leitura de uma obra, encenação prática do texto lido e escrita da peça final.

## **Cena II**

*Eu. Silêncio e depois discussão.*

O tema foi escolhido pelo grupo por conversa. A melhor maneira era falar sobre o eu: o que nos cerca, o que nos constrói, o que nos atinge, o que nos faz nós a nós mesmos?

Medos. Anseios. Sonhos. Desejos.

Ao longo de um mês, escrevendo. Surgiu uma obra autointitulada - (eu) -! É uma série de 35 poemas transumanos que, juntos, formam uma história só. Quando terminamos, começou outra luta, a mais difícil e, ao mesmo tempo, a mais divertida: colocar no palco.



## **ATO II Cena I**

*O Palco.*

Não é um palco comum. É um em que a plateia e os atores não se separam. Ocupam eles o mesmo espaço fechado, uma sala pequena e escura, com lugares limitados e espalhados de forma caótica. Luzes fortes e os movimentos exagerados não fazem sentido.

Nós priorizamos o texto, a palavra e o espaço que ela ocupa. E não foi só isso. Antes de apresentarmos de fato para a comunidade, produzimos "Cartoneiras" (nada mais que uma encadernação de livros diferente do convencional. Faz-se com papelão, tinta e criatividade).

## ATO FINAL

*Apresentação. Primeira vez de muitos.*

Alguns nunca haviam feito isso antes. Quebramos mais algumas barreiras. Numa mesma noite foram três sessões seguidas para cerca de 60 pessoas que assistiram.

E foi tranquilo. Todos, agora atores, estavam confiantes de seus textos e atuação. Apresentar-se para um público, vemos, foi o mais fácil desta longa e proveitosa jornada que havia chegado ao fim.

E depois de tudo, de todas as fotos, de todos os sorrisos e parabenizações, os resultados desse trabalho continuam a surgir. Em conversa com os ex-alunos, descobrimos que alguns já procuraram outros grupos e aulas para continuar no teatro. Uma aluna, a Crislayne Correa, disse: “Neste ano, farei vestibular e quero entrar no teatro da UNILA”.

Valeu tudo!



\* O Curso de Teatro foi oferecido como curso de extensão em 2013. A peça “Eu” será apresentada durante a recepção, agora em março.

# Em Foz, eu aprendi



Em Foz, eu aprendi que a violência neste lugar não é pior do que em outra cidade de mesmo porte. Em Foz, eu aprendi que, até então, eu não sabia o que era calor de verdade. Em Foz, eu aprendi que conseguir um bom emprego pode ser uma coisa realmente difícil. Em Foz, eu conheci a grandiosidade da Engenharia traduzida em uma hidrelétrica. Em Foz, eu aprendi que "existem muito mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia". Em Foz, eu percebi que é normal as pessoas andarem a 40km/h na pista da esquerda e que, consequentemente, é natural ultrapassar um carro pela direita. Quando estive em Natal, percebi que as pessoas em Foz não dirigem tão mal (existe coisa bem pior!). Em Foz, eu aprendi o que é erliquiose. Em foz, eu aprendi que atravessar a ponte da amizade a pé não é legal. Em Foz, eu aprendi que o transporte coletivo em Florianópolis não era tão ruim assim. Em Foz, eu achava o atendimento do comércio péssimo, e depois que eu viajei para o Nordeste, eu percebi que aqui é o paraíso. Em Foz, eu aprendi que as Cataratas são, de fato, uma das 7 maravilhas da natureza.

Em Foz, eu comecei o meu terceiro curso de graduação, abandonei e voltei para a segunda opção. Em Foz, eu aprendi que a máxima "quem faz a faculdade é o aluno" é o clichê mais verdadeiro dos últimos tempos. Em Foz, eu entendi que a língua portuguesa deveria fazer parte da minha profissão. Em Foz, eu aprendi a amar Machado de Assis e Dom Casmurro. Em Foz, eu escutei, pela primeira vez, a conjugação "ponhar". Em Foz, eu entendi que a concessionária de transporte urbano acredita que as pessoas daqui não sentem calor (ar-condicionado nos ônibus, pra quê?). Em Foz, eu aprendi que as estradas argentinas e paraguaias são muito melhores que as brasileiras. Em Foz, eu percebi que os ônibus articulados fazem falta. Em Foz, eu aprendi análise sintática! Em Foz, eu aprendi que o churrasco argentino é muito melhor que o gaúcho. Em Foz, eu aprendi a ser professora, pois aqui eu tive mestres que me ensinaram a arte de ensinar. Em Foz, eu tive que dar aula para uma turma de 80 adolescentes. Aqui eu aprendi os benefícios de morar em uma fronteira trinacional, pois só morando em Foz é possível tomar café da manhã no Brasil, almoçar no Paraguai e jantar na Argentina.

Em Foz, eu aprendi a tomar tere-rê. Em Foz, eu aprendi que toda comida daqui tem alho (muito alho!). Em Foz, eu descobri que existe um hospital veterinário muito melhor que muitos hospitais de gente por aí. Em Foz, eu vi o quão difícil é conseguir consulta com um neurologista. Em Foz, eu conheci e aprendi a fazer "sopa paraguaia" (que, por sinal, não é uma sopa!). Em Foz, eu aprendi a comer hommus, sfiha, tabule, kafta, sushi e sashimi. Em Foz, eu provei a melhor "coxinha" do mundo. Só em Foz eu aprendi que precisava fazer os que os outros não faziam para conseguir o que poucos conseguem. Em Foz, eu aprendi que "laranja" nem sempre é uma fruta.

Foz me fez entender que já era hora de ir embora... mas foi em Chapecó que eu entendi que precisava voltar. Depois que voltei a Foz, eu aprendi que mudar de ideia e "voltar atrás" nem sempre é um retrocesso, e sim um passo à frente. Foi em Foz que eu aprendi a ser feliz. Em Foz, eu aprendi muita coisa e continuo aprendendo, dia após dia.

Obrigada, Foz do Iguaçu, por me ensinar a ser adulta!

*Por Patricia Librenz*



# REVISTA

# PEABIRU

A Revista Peabiru é um projeto de extensão realizado pela Secretaria de Comunicação Social com a colaboração de professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento da UNILA. O projeto surgiu com a ideia de produzir uma revista para difundir a cultura da América Latina vivenciada na Universidade e na região da Fronteira Trinacional.



Uma revista  
colaborativa  
sobre cultura  
latino-americana

Com o objetivo de dialogar com a comunidade, a Revista busca formar uma rede de autores-colaboradores, para ilustrar em suas páginas a diversidade cultural dos sujeitos latino-americanos imersos na região da fronteira trinacional. A criação de uma Revista cultural como a Peabiru tem, principalmente, a missão de contribuir para a integração dos cenários latino-americanos manifestados pelas distintas vozes que ecoam desta fronteira.

Para colaborar, envie o seu material para [revista.peabiru@unila.edu.br](mailto:revista.peabiru@unila.edu.br)  
Siga este caminho, faça parte da Revista Peabiru.

[www.unila.edu.br/revistapeabiru](http://www.unila.edu.br/revistapeabiru)